

Numa encruzilhada dos homens (*)

(A-propósito das CARTAS INTEMPORAIS de JOSÉ RÉGIO publicadas na "Seara Nova" n.ºs 608 e 609)

por ALVARO CUNHAL

A humanidade chegou a uma encruzilhada. O momento não é favorável a longas hesitações. Cada qual tem que escolher um caminho: para um lado ou para o outro. A história não pára e a humanidade segue. O grande problema é a direcção que ela seguirá. Aos homens cabe escolher e decidir.

São inúteis os esforços para libertar do conflito presente certas esferas da actividade humana. O destino do mundo está em jogo. Todas as actividades humanas intervêm numa forma operante na determinação do destino do mundo.

Claro que há berros, lutas e oscilações. E, como consequência, homens que se assustam ou horrorizam. Alguns desses homens afastam-se prudentemente, monologando acerca dos horrores da luta travada. Desconhecem eles os gritos das parturientes? O clamor desorienta-os e leva-os a procurar a solidão. Julgam assim libertar-se da necessidade de escolher um caminho. Afinal, essa fuga traduz uma escolha em frente da encruzilhada. Porque esses homens não se calam; antes aconselham os outros a irem ter com eles. São os cansados que pregam o cansaço. Os desalentados que pregam o desalento. Os solitários que pregam a solidão.

A vida para esses homens pouco mais é que a apreciação do próprio cansaço, do próprio desalento, da própria solidão. Muitos nem chegam a aperceber-se de que as determinantes desse cansaço, desse desalento e dessa solidão se encontram no barulho e nas oscilações das lutas na encruzilhada. Esquecem essas determinantes e ajeitam-se na incómoda posição de José Régio:

«Vergo a cabeça sobre o peito
Concentro os olhos sobre o umbigo»

(*Encruzilhadas do Deus*, Mitologia.)

O seu eu passa a ser motivo predominante da sua vida. Só por acaso lá à sua peanha chega o ruído das lutas que se travam na encruzilhada, para evitar recordações que perturbem a sua fremente análise interior, a sua vida pessoal e solitária.

«Que rumor é aquele? não sentes?
—Meu amor, que te importa?
—É a vida a dar socos na porta.
E lá fora. São eles. É o mundo.
São gentes...
—São gentes? Quem são?
—São colegas, amigos, parentes...
—Vai dizer-lhes que não! Vai dizer-lhes que não!»

(JOSÉ RÉGIO—*id.* Meu menino, *id.*, *id.*)

Esta recusa a saber do que se passa lá fora do campo da sua vida íntima; esta recusa a conhecer do sofrimento e das esperanças das «gentes»; exprime uma atitude frente à encruzilhada. A atitude de maior comodidade, embora não a de maior felicidade. Fugir do mundo, barulhento e prenhe de ódios e amor, para não participar nem nos barulhos, nem nos ódios, nem mesmo no amor. Fugir da encruzilhada para não ter que escolher caminho em colaboração com vastos colectivos, barulhentos e prenhes de ódios e de apaixonadas afeições. Ficar só para chorar a desgraça alheia e a própria desgraça. Ficar só, só, só! Adorar o próprio umbigo e cantar!

É evidente que tais solitários não podem compreender o que se passa na encruzilhada. Por isso, quando as multidões cantam,—cantam os seus sofrimentos, as suas esperanças, as suas escolhas,—os tais solitários, se a música lhes chega aos ouvidos, gritam lá do alto da sua solidão:—O canto não deve servir os vossos fins. Há que distinguir o canto—eu, que sou um cantor, distingo o canto—das vossas pretensões, das vossas preferências, das vossas esperanças. Entretanto esses solitários vão cantando o próprio umbigo, esquecendo que, assim, se servem do canto para servir os seus fins. Pois

...bem sei que sou o meu único fim».

(JOSÉ RÉGIO—*id.*, Poema do silêncio)

Precisamente porque se está numa encruzilhada; precisamente porque a sorte de milhares de homens depende do caminho que será seguido; as atenções de todos aqueles que sentem a gravidade e importância decisiva (para a própria vida e para a vida da humanidade) dos momentos presentes, se concentram na possível saída do embaraço.

Homens que assim sintam, apreciam e julgam as «obras do espírito» (e em particular as obras de arte) pelo que elas podem influir na direcção futura da humanidade. Da mesma forma, artistas que assim sintam, fazem naturalmente reflectir nas suas produções artísticas as preocupações que os obcecaram. A única diferença entre estes artistas e os artistas solitários é que, enquanto a obcecação destes é o próprio umbigo, a daqueles é a sorte da humanidade. Mas, quer uns quer outros, põem naturalmente a arte ao serviço de qualquer coisa: nuns, esse qualquer coisa é a vida de milhões de seres; noutros esse qualquer coisa é o próprio umbigo. (O próprio José Régio aconselha cada artista a falar «do que mais profundamente sente, pensa, imagina, sonha, vive, sabe»—*Seara Nova*, n.º 609).

Mas com esta explicação não se acomodam os defensores do cantar por cantar e para cantar. Por isso José Régio afirma que

«Não se deve confundir literatura (falo daquele aspecto principal da literatura que é a arte literária) com a política ou sociologia nem a arte literária é propaganda seja do que for.»

É transparente como água que literatura não é política nem sociologia e que arte literária não é propaganda. Mas não é menos transparente que toda a obra literária—voluntária ou involuntariamente—exprime uma posição política e social e que toda ela faz propaganda seja do que for (inclusive do próprio umbigo). Simplesmente, há quem prefira, pelas razões atrás expostas, as obras literárias que exprimem determinada posição política e social às obras literárias que exprimem outra posição política e social. E uma posição política e social não existe só quando se afirma claramente a preferência por um ou outro dos caminhos que saem da encruzilhada, mas existe ainda quando há um afastamento da encruzilhada. Creio—digo-o quasi sem ironia—que a «adoração do próprio umbigo» exprime também uma posição (e até uma atitude) política e social...

As mais sentidas preferências de quem se não afastou da encruzilhada vão para as

obras literárias que explicam o que é a encruzilhada ou definem em relação a ela a posição que é a do preferente. Isto sem excluir a apreciação do aspecto «puramente literário». Um exemplo: Eu tenho José Régio como um dos mais poderosos e capazes poetas portugueses contemporâneos—quanto ao potencial e capacidade de expressão. Tenho *As Encruzilhadas de Deus* como uma das mais vibrantes obras poéticas portuguesas contemporâneas. Mas tenho também José Régio, a sua poesia, o conteúdo da sua poesia, como uma expressão dolorosa da fuga, do cansaço, da renúncia, daqueles que não tem força e sensibilidade para permanecer corajosamente onde se degladam as multidões. A poesia de José Régio exalta uma posição (e até uma atitude) condenável, fracassada e decadente. Por isso deve ser combatida. Por isso entendo que, embora apreciada sob o ponto de vista «puramente literário», deve ser preterida. E o que se dá comigo em relação à poesia de José Régio pode dar-se, ainda que excepcionalmente, com os admiradores do próprio umbigo em relação às obras literárias que indicam às multidões um caminho e um fim político e social.

Diz José Régio, a-propósito-de literatura brasileira e da preferência que por ela se nota entre nós:

«...não é verdadeiramente o amor da literatura ou a fina consciência crítica (coisas talvez menos correntes do que se julga) que atraem tantos, hoje, a tanto falar de livros, nem mesmo sensivelmente melhores do que outros, portugueses, passados em relativo silêncio. O interesse literário e o interesse crítico são neste caso confundidos (ou submetidos a) interesses da mais variada espécie» (*Cartas intemporais*).

Muitos jovens críticos (e muitos jovens leitores que não são críticos) são atraídos a falar e mesmo reclamar certos livros que embora, no aspecto da «arte pura», não representem um máximo, vão contudo de encontro às preocupações e ansiedades mais prementes desses jovens críticos e desses jovens leitores. Talvez isto explique por que

(Continua na página onze)